

## A espacialidade da indústria mundial

Apesar de a produção industrial atual estar conectada em redes produtivas com abrangência planetária, é fundamental identificar que papel desempenha cada país nessa composição, visto que tais papéis tendem a se diferenciar conforme o caso.

Mesmo quando se especifica o olhar sobre cada país, é importante reconhecer a disposição da espacialidade industrial local, pois comumente haverá contrastes entre setores com maior ou menor aglomeração fabril.



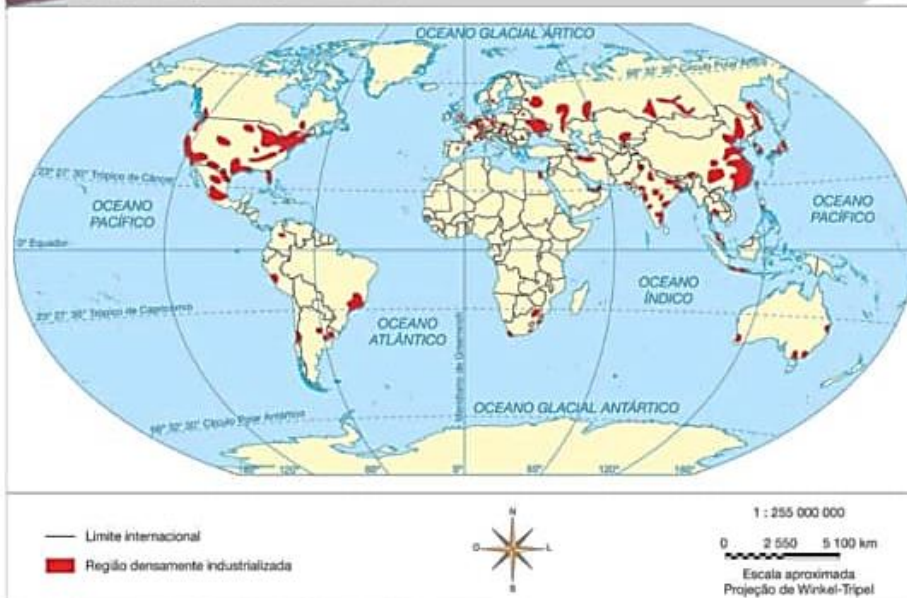
### Cartografia



O mapa a seguir revela as principais aglomerações industriais do planeta.



#### CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL MUNDIAL



Fonte: PHILIPS. *Internacional School Atlas*. 2. ed. London, 2006. p. 34. Adaptação.

Observe que, apesar de as maiores concentrações ainda se situarem nos locais onde a industrialização ocorreu há mais tempo (nordeste dos EUA, Europa – principalmente na porção ocidental – e Japão), ou em outros países ricos, como a Austrália, já existem diversos pontos que merecem destaque, localizados no mundo periférico. Consulte um planisfério político e faça uma lista, nas linhas a seguir, de países onde há regiões densamente industrializadas.

---



---



---

## Espaços industriais do mundo rico

### Europa

Berço da Revolução Industrial, o continente europeu ainda mantém as características de distribuição espacial industrial dos primórdios da industrialização. As mais tradicionais regiões industriais inglesas (nos entornos de Londres, Birmingham, Manchester), alemãs (Vale do Ruhr), francesas (nos entornos de Paris e Lyon, e nas proximidades da fronteira nordeste) e italianas (no norte do país, especialmente ao redor de Milão, Turim e Gênova), ainda concentram boa parte da produção industrial desses países.



Fonte: CHARLIER, Jacques. *Atlas du 21<sup>e</sup> siècle*. Paris: Nathan, 2010. p. 58. Adaptação.

Como você verificou na unidade anterior, a instalação de indústrias de bases nesses locais, na maioria das vezes beneficiando-se da presença abundante de matérias-primas como carvão ou minério de ferro nas proximidades, atraiu a formação de enormes complexos industriais em seus entornos. Em alguns casos, como na região que se estende do Vale do Ruhr ao nordeste francês, incluindo também os Países Baixos, tais locais foram objeto de disputas geopolíticas, desde o século XIX até as duas guerras mundiais na primeira metade do XX.

Decorridos aproximadamente dois séculos, as consequências da industrialização (em especial a degradação ambiental e a saturação de infraestruturas urbanas) tornam muitos desses locais, na atualidade, pouco atraentes para a instalação de novas indústrias. De fato, em alguns deles, observa-se uma tendência de retração na atividade industrial.

O primeiro impulso à integração das atividades industriais europeias ocorreu com a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), em 1952. Essa organização reuniu os interesses do grupo de países que compunha o BENELUX (Bélgica, Países Baixos – ou Netherlands, em inglês – e Luxemburgo) com os das três principais potências industriais da Europa continental: Alemanha Ocidental, França e Itália.

Apesar desse tratado, nas décadas seguintes, a lógica de uma integração industrial europeia não se sobrepôs aos interesses e à organização praticados internamente em cada país de seu território. Isso parece ter começado a ocorrer de forma efetiva apenas após a consolidação do bloco da União Europeia, especialmente a partir da adoção do euro como moeda única (1999).

Desde então, as atividades industriais europeias vêm sendo reorganizadas em função dos interesses do bloco, conferindo melhores condições de enfrentar as turbulências geradas pelas crises econômicas e pela concorrência dos mercados internacionais.



■ Cidade de Middlesbrough – Reino Unido, 2009: outrora um importante centro industrial inglês; atualmente em crise socioeconômica pelo fechamento de fábricas

## Conexões

Deflagrada no início de 2014, a crise geopolítica que afetou a integridade territorial da Ucrânia também se justifica pela desigualdade da distribuição de suas indústrias. Há importantes interesses econômicos em jogo, particularmente associados à produção industrial e às abundantes reservas de gás natural existentes na região.

Volte ao mapa "Europa: principais áreas industriais" e observe como a industrialização ucraniana se concentrou mais na porção oriental do país – justamente a que apresenta maior influência russa. Assim, enquanto a União Europeia e os EUA mobilizam-se para atrair esse estratégico país para sua área de influência, a Rússia se dedica a fomentar o nacionalismo do grande contingente de russos que habita as ricas províncias da Ucrânia oriental, para que estes ofereçam resistência à ocidentalização ucraniana.

Em 2014, o presidente ucraniano Viktor Yanukovich foi destituído do poder. Alinhado à Rússia, esta o apoiou. Em meio à crise, a Crimeia (República Autônoma da Ucrânia, cuja maior parte da população tem origem russa) organizou um referendo popular em março de 2014 (considerado inválido pela Assembleia Geral das Nações Unidas), no qual 96% dos votos aprovaram a sua independência em relação à Ucrânia. As lideranças da Crimeia assinaram um tratado que formalizou a adesão desse território à Rússia, embora isso não tenha sido reconhecido internacionalmente. Ou seja, oficialmente, a Crimeia ainda pertence à Ucrânia.



©/shutterstock/hitzaia

■ Em meio às trocas de acusações e disputas pelas riquezas nacionais, tropas russas mobilizam-se em Perevalne, na península da Crimeia, em 2014



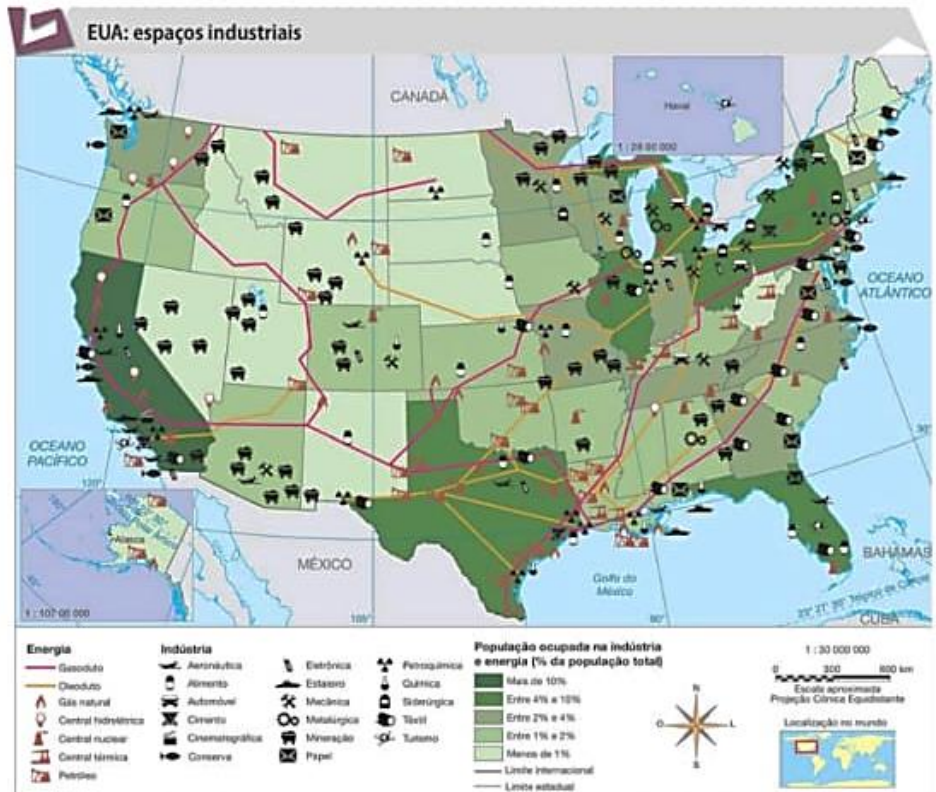
Observe, na tabela, os maiores mercados consumidores de produtos industrializados europeus que não fazem parte do bloco da União Europeia.

Destino das exportações da União Europeia	% de exportações da União Europeia
Estados Unidos	16,5 %
Suíça	10 %
China (exceto Hong-Kong)	8,5 %
Rússia	7 %
Turquia	4,5 %
Japão	3 %
Noruega	3 %
Demais países	47,5 %

Fonte: PARLAMENTO EUROPEU. Disponível em: <[http://www.europarl.europa.eu/atyourservice/pt/displayFtu.html?ftuid=FTU\\_6.2.1.html](http://www.europarl.europa.eu/atyourservice/pt/displayFtu.html?ftuid=FTU_6.2.1.html)>. Acesso em: 8 abr. 2015.

### Estados Unidos

A industrialização dos EUA ocorreu no século XIX, no entorno das ricas jazidas de carvão e minério de ferro existentes na região nordeste do país. O chamado Cinturão fabril (*Manufacturing belt*, em inglês) se estendia desde os grandes centros comerciais litorâneos (Nova Iorque, Boston, Filadélfia) até as principais cidades fabris que se desenvolveram ao redor dos Grandes Lagos (Chicago, Cleveland, Pittsburg, Detroit). Essa economia de aglomeração passou a concentrar a maior parte da produção siderúrgica, mecânica e, posteriormente, automobilística, do país.



Fonte: ATLAS National Geographic. América do Norte e Central. São Paulo: 2008. v. 6. p. 38. (Abril Coleções); CHARLIER, Jacques. Atlas du 21<sup>o</sup> siècle. Paris: Nathan, 2008. p. 130. Adaptação.



© Shutterstock/Alamy

As outras importantes concentrações industriais do país – com destaque para as situadas no entorno de Los Angeles (na costa oeste) e no eixo entre Huston e Dallas, no Texas, além de New Orleans, na Louisiana (na costa sul), desenvolveram-se ao longo do século XX. O deslocamento industrial, que envolveu também a transferência de significativos contingentes humanos para essas regiões, foi chamado de “Marcha para o *Sun belt*” (na tradução, o “cinturão do Sol” – referência ao clima mais ameno da região). Um dos fatores que motivaram esse deslocamento foi a descoberta de estratégicas reservas de petróleo nos arredores do Golfo do México.

■ Detroit (EUA) já foi considerada a “capital mundial do automóvel”. A decadência econômica faz com que atualmente haja diversas ruas, como essa, com casas abandonadas. Foto de 2015.

Muitas das cidades industriais do *Manufacturing belt* experimentaram, nas últimas décadas, um período de estagnação e decadência econômica. O dinamismo das novas áreas industriais do país atraiu, inclusive, a consolidação de novos polos de siderurgia (como em Birmingham, no estado de Alabama) e metalurgia (como na região de Salt Lake City, no estado de Utah), os quais apresentavam muitos recursos minerais. As indústrias de alta tecnologia que surgiram no contexto da Terceira Revolução Industrial também evitaram as saturadas regiões industriais tradicionais e fixaram-se em locais ainda pouco explorados do *Sun belt*.

**fraturamento hidráulico (*fracking*):** consiste em uma forma de perfurar poços que, a determinada profundidade, passa a ser horizontal ao atingir a jazida de folhelho no subsolo, sendo, por meio de tubulações, injetado um grande volume de água em alta pressão, misturada com aproximadamente 600 produtos químicos, muitos deles nocivos ao ambiente. A água injetada produz fraturas na rocha e, quando retirada, possibilita a extração do gás natural pelos dutos.

**Doutrina Monroe:** sintetizada pela frase “América para os americanos”, proferida pelo ex-presidente dos EUA James Monroe em 1823, a doutrina é considerada o marco inicial da concepção geopolítica estadunidense de estabelecer que o restante do continente americano – particularmente os recém-independentes países da América Latina – constituiria sua principal área de influência. Monroe quis deixar clara às potências europeias a intenção dos EUA de controlar o acesso aos mercados consumidores, à mão de obra e às matérias-primas dessa região do mundo.

Nos últimos anos, a tendência de regressão econômica de algumas dessas cidades, como Pittsburgh (no nordeste do país), vem sendo revertida com a revolução energética associada à extração de gás de folhelho (popularmente divulgado como xisto) por meio da polêmica técnica do **fraturamento hidráulico** (ou *fracking*, em inglês). A região do *Manufacturing belt* é uma das que detêm o maior potencial para essa exploração.

Desde a **Doutrina Monroe** (1823), a geopolítica estadunidense visou incorporar os países latino-americanos como seu mais estratégico mercado consumidor e fornecedor de matérias-primas. A dinâmica das duas guerras mundiais, no século XX, diretamente responsável pela ascensão dos EUA à condição de superpotência mundial, naturalmente ampliou o mercado consumidor para os produtos industriais estadunidenses, que passou a ser global.

Nas últimas décadas, no entanto, a ascensão da economia chinesa está afetando significativamente esse quadro: o país asiático já se tornou o maior parceiro comercial inclusive de alguns países situados na América Latina, interferindo, portanto, na esfera da influência estadunidense no subcontinente. Em recuperação após a crise de 2008, a indústria dos EUA tenta ganhar fôlego para disputar os mercados internacionais com a China, apostando na capacidade de inovação científica e produção de tecnologia de ponta estadunidense – aspectos em que a tradicional superpotência ainda está em vantagem em relação aos chineses.

### Japão

Carente em recursos naturais – especialmente energéticos – o Japão apoiou seu rápido processo de industrialização na importação de matérias-primas. Como elas chegavam ao país pelos portos, as maiores concentrações industriais se consolidaram nas regiões litorâneas.





Luis Buñuel/Alamy/Scan Photo

■ Área industrial em Yokkaichi – Japão, 2014

Ao final da *Era Meiji*, em 1912, a determinação estatal já havia transformado o Japão em um país com forte base industrial. Nas décadas seguintes, passou a adotar uma agressiva política externa de expansão de caráter militarista e imperialista, buscando assegurar as fontes de matéria-prima e os mercados consumidores necessários para garantir o crescimento econômico.

O Japão recebeu muitos investimentos do bloco ocidental no contexto da Guerra Fria (especialmente oriundos dos EUA). Com isso, foi capaz de superar os impactos resultantes de sua derrota na Segunda Guerra Mundial, a ponto de, duas décadas depois, atingir a condição de segunda maior economia mundial, hoje superada pela China.

*Era Meiji*: o imperador Mutsuhito tinha apenas 15 anos ao assumir o governo de um Japão ainda feudal. Quando ele morreu, em 1912, seu país havia sido transformado numa potência moderna e emergente. Esse período de desenvolvimento tecnológico e econômico, com profundas transformações sociais e culturais, ficou conhecido como Era Meiji (1868-1912).

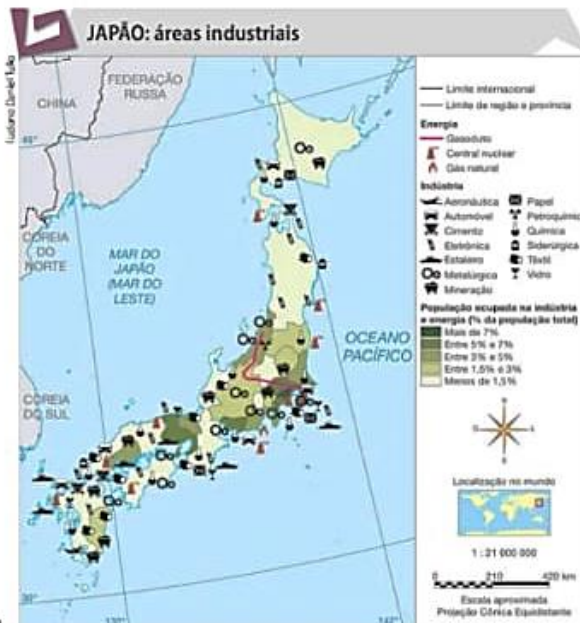
### Os três maiores PIB, em US\$ (2013)

1. EUA: 16 768 100 000 000,00      2. China: 9 240 270 000 000,00      3. Japão: 4 919 563 000 000,00

Fonte: BANCO MUNDIAL. *Gross domestic product 2013*. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Até a década de 1970, contudo, a indústria japonesa ainda permanecia concentrada no entorno da mega-ópole formada próximo ao litoral do Pacífico (especialmente entre Tóquio e Osaka). Após esse período, passou por um processo de desconcentração. Muitas novas empresas japonesas evitavam as tradicionais economias de aglomeração do país, enquanto outras deslocaram suas unidades produtivas para outros pontos ainda não explorados no arquipélago japonês – como as ilhas de Hokkaido, Kyushu e Shikoku – fazendo surgir novos polos industriais. Houve, ainda, empresas japonesas que passaram a investir na produção industrial em países vizinhos. Nas décadas de 1980 e 1990, o Japão se tornou o maior investidor de um grupo de países conhecidos como Tigres Asiáticos, que estudaremos adiante.

Fonte: ATLAS National Geographic. *Ásia II*. São Paulo: Abril Coleções, 2008. v. 8. p. 92. Adaptação.



O elevado avanço na produção de ciência e alta tecnologia na segunda metade do século XX possibilitou a abertura de diversos mercados mundiais – inclusive o estadunidense – para os produtos industrializados japoneses. Além de expoente de artigos de alta tecnologia, o país se tornou um dos maiores fabricantes e exportadores de bens de consumo duráveis do planeta, com destaque à produção automobilística e de eletroeletrônicos. No entanto, sua tradicional dependência em relação às matérias-primas importadas manteve-se.



## Espaços industriais do mundo emergente

Os países cujo início do desenvolvimento industrial ocorreu apenas no século XX são considerados de industrialização tardia. Apenas alguns deles, no entanto, conseguiram consolidar parques industriais expressivos e diversificados de indústrias tradicionais. Menor ainda é o número dos que puderam realizar algumas incursões na produção de tecnologia de ponta, mesmo em ramos específicos. Em boa parte do mundo periférico, a produção industrial ainda é incipiente e se constata elevado grau de dependência em relação aos países que apresentam parques industriais mais desenvolvidos.

Por outro lado, merecem destaque, em momentos distintos, dois importantes grupos cujas atividades industriais impulsionaram o crescimento econômico: os chamados Tigres Asiáticos, surgidos nas décadas de 1970 e 1980, e o BRICS (englobando Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – ou *South Africa*, em inglês), cuja ascensão se deu no início do século XXI, com destaque ao desenvolvimento da China. Esses países, entre outros isolados que também integram o mundo periférico considerado emergente, ainda hoje constituem espaços estratégicos para a expansão internacional dos negócios.

### NPIs e Tigres Asiáticos

A expressão NPI (Novos Países Industrializados, ou NICs, em inglês) se popularizou a partir da década de 1950, quando já se evidenciava a expansão das atividades industriais mundiais, anteriormente concentradas nas poucas potências do mundo rico, para um grupo de países periféricos de industrialização tardia.

Uma das etapas desse processo foi a implantação, por tais países, de filiais de empresas transnacionais oriundas dos países ricos. Em muitos casos, no entanto, esse processo ocorreu paralelamente ao desenvolvimento industrial local. Os NPIs que mais se destacaram, em um primeiro momento, foram:

- na América Latina – Brasil, Argentina e México (o Chile incorporou-se um pouco mais tarde);
- na Ásia – China, Índia e os chamados Tigres Asiáticos, que correspondem a Coreia do Sul, Taiwan (China), Cingapura, Hong Kong – atualmente reintegrado à China –, Malásia, Tailândia e Indonésia;
- na África – África do Sul.

Os países socialistas que se industrializaram nesse período, como a maioria dos situados no Leste Europeu, além da Coreia do Norte (considerando que nem todos os países socialistas consolidaram a industrialização, como é o caso de Cuba) também podem ser citados. Apesar de tradicionalmente não aparecerem nas listagens de NPIs, esses países também se industrializaram tardiamente. Contudo, é necessário reconhecer as diferenças advindas do modo de produção adotado, pois tais países, por exemplo, priorizavam a instalação de indústrias de base, sem grandes investimentos nas de bens de consumo, além de barrarem a entrada de transnacionais em seu território.

O crescimento econômico de alguns grupos de NPIs produziu fenômenos de grande destaque. Um dos que mais chamaram a atenção foi o surgimento dos Tigres Asiáticos.







Tais fatores, somados ao endividamento dos Tigres Asiáticos, geraram uma crise econômica na década de 1990 que atingiu esses países fortemente. Esse processo serviu, de certa forma, para diferenciar o desenvolvimento dos integrantes do grupo:

- Taiwan (China), Cingapura e, especialmente, Coreia do Sul (uma das mais prósperas economias emergentes mundiais, contando inclusive com um grande número de transnacionais próprias) demonstraram força econômica para superar a crise, principalmente em virtude de maciços investimentos em educação e diversificação das atividades produtivas industriais;

- Tailândia e Malásia na atualidade apresentam destaques econômicos apenas pontuais, não conseguindo sequer figurar entre os principais países emergentes do mundo;

- Hong Kong foi incorporada à China em 1997, constituindo uma das regiões mais desenvolvidas daquele país, embora até hoje desfrute de regalias em relação a outras províncias chinesas (veja na seção a seguir);

- a Indonésia pouco se beneficiou do breve período de industrialização, mantendo muito mais evidentes os problemas típicos do subdesenvolvimento do que as eventuais vantagens obtidas.

## Conexões

### Hong Kong e China: uma união delicada

De um lado Hong Kong, uma colônia britânica com *status* de cidade-estado, capitalista, com uma das mais importantes bolsas de valores da Ásia. Sua população já estava habituada aos costumes ocidentais e se identificava com o liberalismo democrático, tendo experimentado um grande crescimento econômico sustentado pela comercialização em larga escala de uma enorme variedade de mercadorias de baixo custo (como brinquedos e artigos de papelaria), muito consumidos no mundo.

De outro lado, a China, que, apesar da abertura econômica ao capitalismo verificada nas últimas décadas, ainda apresentava (como até hoje) resquícios da estrutura socialista, de modo especial no que se refere à pianificação de alguns setores da economia e, principalmente, na rigidez da condução da política estatal centralizada pela cúpula do Partido Comunista.

Quando, em 1997, o Reino Unido finalmente concretizou a devolução aos chineses do controle de Hong Kong, – que integrou a China até a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842) –, a solução encontrada para a conciliação de interesses tão distintos foi garantir autonomia parcial à cidade, a qual se enquadrou nos moldes de outras **Zonas Econômicas Especiais**. Isso assegurou aos habitantes de Hong Kong mais liberdades civis do que os de outras partes da China.



Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 51. Adaptação.

**Zonas Econômicas Especiais:** conceito utilizado pelo governo chinês, após sua abertura econômica, para se referir a um grupo de territórios na porção oriental do país, que passou a gozar de maior flexibilidade na legislação econômica, adotando parcialmente princípios da economia de mercado, como a livre iniciativa e a entrada de investimentos internacionais.

Em 2014, no entanto, uma onda de protestos ocorreu em Hong Kong, evidenciando a tensão das relações com o governo chinês.

Pesquise esses eventos em jornais, revistas e na internet e responda às questões propostas a seguir.



Protestos contra o governo chinês em Hong Kong – China, 2014

1. Que fato desencadeou os protestos?
2. Por que esses protestos preocuparam a comunidade internacional no que se refere às reações do governo chinês?
3. Quais as implicações desse caso em outros focos de tensão associados à geopolítica chinesa?

### As maquiladoras mexicanas

Outro fenômeno industrial do mundo periférico que merece destaque diz respeito à expansão do número de "maquiladoras", especialmente no México, embora também existam em outros países pobres e emergentes.

Maquiladoras são unidades ligadas a grandes corporações que recebem de suas matrizes as peças e os componentes necessários à produção, basicamente operando apenas a montagem do produto final. Este é remetido para o país de origem da matriz ou enviado a fim de ser comercializado em mercados considerados estratégicos pela corporação. Tais montadoras se caracterizam pelos baixos salários pagos aos trabalhadores, além de, em muitos casos, por condições precárias de trabalho.

O México já registra a presença de maquiladoras desde a década de 1960, mas o grande impulso a esse processo aconteceu a partir da criação do NAFTA – sigla em inglês para o Tratado de Livre Comércio da América do Norte –, em 1994, que derrubou as alíquotas de importação, possibilitando que muitas empresas dos Estados Unidos deslocassem sua produção para o México, aproveitando-se da mão de obra mais barata ali existente.

O NAFTA é o bloco econômico integrado pelos três países situados na América do Norte: Canadá, Estados Unidos e México.



Fonte: NAFTA. Disponível em: <<http://www.naftanow.org/>>. Acesso em: 7 abr. 2015. Adaptação.



As condições de trabalho nas maquiadoras mexicanas nem sempre são adequadas, e os salários costumam ser muito baixos. Em razão da falta de melhores opções, ainda assim elas atraem muitos trabalhadores.

Globe Images/Reuters/ACT/Alamy A. Salinas



■ Maquiladora em Ciudad Acuña – México, 2012

Boa parte dos produtos eletroeletrônicos e automotivos comercializados por importantes empresas instaladas no oeste dos EUA é montada nas milhares de maquiadoras mexicanas. Apesar de, nos últimos anos, esse fenômeno ter perdido parcialmente o impulso inicial em virtude do deslocamento de unidades produtivas para a China, onde a mão de obra é ainda mais barata, ele continua sendo uma das marcas do espaço industrial mexicano.

A exploração do trabalho nas maquiadoras é alvo de muitas críticas, em razão dos problemas sociais registrados. Entre as controvérsias, destacam-se as questões:

- Até que ponto há reais benefícios ao país que as recebe?
- Qual é a responsabilidade social dessas empresas perante o desenvolvimento da sociedade mexicana?



## Refinando o olhar

Analise a charge a seguir sobre a atuação das grandes empresas mundiais, destacada no tópico sobre o BRICS.



DANZIGER, Jeff. A Time's Syndicate. Veja, ed. 1374, 11 jan. 1995.

## BRICS

A seguir, serão trabalhados os componentes do BRICS, com exceção do caso brasileiro, o qual será abordado com maior aprofundamento na próxima unidade.

### China

Em 2014, o PIB da China, embora tenha crescido num ritmo mais lento do que em anos anteriores (nesse ano a taxa de crescimento foi de 7,4%), já dava sinais de que seria apenas uma questão de tempo – muito breve – para que o país ultrapasse os Estados Unidos, assumindo a condição de maior economia mundial. A China responde por mais de 10% das exportações e importações mundiais. Pode-se dizer que as elevadas taxas de crescimento econômico registradas por esse país nas últimas décadas representam o principal motor para a expansão capitalista mundial. País mais importante entre o BRICS, ela já é a segunda maior economia mundial.

Entretanto, o custo ambiental do desenvolvimento chinês é elevado: entre outras questões, destaca-se a contribuição da China para emissões antrópicas globais de gases do efeito estufa, as quais superam os 20%. Mesmo com padrões de consumo muito inferiores aos dos europeus, a poluição atmosférica *per capita* chinesa já é equivalente à europeia.

Esse período de grande expansão teve início em 1976 e foi conduzido primeiramente por Deng Xiaoping – governante que sucedeu Mao Tsé-Tung, líder que comandou a Revolução Chinesa, em 1949. O novo governo implantou um processo inicialmente lento e restrito de abertura econômica, no qual se permitia que, em determinadas regiões do país – todas situadas nas províncias mais desenvolvidas da região litorânea –, se aplicassem princípios da livre iniciativa, tipicamente capitalistas. Tais regiões foram chamadas de Zonas Econômicas Especiais (ou ZEEs).

O conceito de "um país, dois sistemas", aplicado oficialmente na China desde então, justificado pela presença, nas ZEEs, de um tipo de capitalismo controlado pelo Estado e conduzido rigidamente pelo Partido Comunista é controverso. Apesar de a abertura econômica não ter sido acompanhada pela abertura política, há quem julgue que na China atual restam poucos traços da sociedade socialista idealizada na Revolução Chinesa de 1949.

Polêmicas à parte, o fato é que o país reúne elementos que impulsionam o processo de expansão industrial e comercial, tais como:

- recursos minerais e energéticos abundantes, especialmente carvão mineral;
- forte estrutura de indústrias de base, herdada do período tipicamente socialista e ampliada nas décadas seguintes;
- investimentos maciços em educação e produção de mão de obra técnica, além de destaques na pesquisa científica;



Fonte: MINISTRY OF COMMERCE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Economic Development Regions. Disponível em: <<http://english.mofcom.gov.cn/article/topic/fitzchina/economicssystem/200406/20040600239135.html>>. Acesso em: 12 mar. 2015. Adaptação.



- contingente elevado de mão de obra, cujo custo ainda é bem menor que em outros centros industriais, o que motiva empresas do mundo todo a deslocarem unidades produtivas para lá, visto que se tornou o maior "país fábrica" do planeta;
- enorme potencial em seu mercado consumidor interno, ainda pouco explorado.

Esse potencial de expansão fica evidente quando se verifica que a China apresenta outras regiões destinadas a abrigar centros de desenvolvimento econômico, seja em ramos específicos da industrialização tradicional, seja nos investimentos em alta tecnologia – setor no qual o país já se tornou o maior exportador mundial, superando os Estados Unidos. Ou seja, o desenvolvimento industrial chinês não se restringe às ZEEs.

Reunindo tantas facilidades, a China se propôs, já nas últimas décadas do século XX, a ingressar no lucrativo mercado mundial de bens de consumo não duráveis, que até então tinha nos Tigres Asiáticos seu principal exportador. Não apenas passou a dominar esse setor globalmente, como expandiu os negócios, investindo cada vez mais na produção de bens duráveis e de alta tecnologia.

Entre os principais produtos de exportação da China, destacam-se as máquinas e equipamentos elétricos e mecânicos, os itens de vestuário e os produtos da indústria de móveis.

Percebe-se na atualidade que, apesar de não ter a mesma capacidade de produção de tecnologia de ponta e pesquisa científica, a economia da China superou a do Japão, tornando-se a principal do Oriente – aquela em torno da qual as economias dos demais países da região orbitam.



■ Fábrica em Ganyu – China, 2013. A indústria de brinquedos é um exemplo do domínio chinês: até a década de 1990, a maioria deles vinha dos Tigres Asiáticos; hoje, nesse mercado e em muitos outros, há um predomínio do selo "Made in China".

## Rússia

Outro integrante do grupo do BRICS que apresenta características peculiares é a Rússia, especialmente em razão das heranças do passado recente como um país socialista muito poderoso – a URSS – e da turbulenta transição para o capitalismo após o colapso de 1991.

Enquanto existiu como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o país desenvolveu amplamente as indústrias de base, com destaque para os setores que subsidiavam a produção de armamentos. Essa forte estrutura industrial se beneficiava dos abundantes recursos minerais e energéticos disponíveis em seu extenso território (a Rússia detém as maiores reservas de gás natural do mundo, além de ser rica em carvão mineral e petróleo).

O desenvolvimento industrial durante esse período foi distribuído geograficamente conforme o planejamento estatal, que procurou desconcentrar as regiões industriais, como estratégia de desenvolvimento e defesa. Muitas delas surgiram em áreas no entorno da ferrovia Transiberiana (que percorre mais de 9 mil km entre Moscou e Vladivostok).



Fontes: RUSSIAN RAILWAYS. Trans-Siberian Railway. Disponível em: <[http://eng.rzd.ru/statice/public/en?STRUCTURE\\_ID=87](http://eng.rzd.ru/statice/public/en?STRUCTURE_ID=87)>. Acesso em: 12 mar. 2015; ATLAS National Geographic. Europa II. São Paulo: Abril Coleções, 2008. v. 4. p. 54. Adaptação.

O colapso soviético revelou graves problemas no parque industrial da antiga superpotência: a indústria pesada carecia de modernização tecnológica, e a de bens de consumo, quase inexpressiva, estava muito defasada em relação ao mundo capitalista.

A onda de privatizações ocorrida a partir de então gerou o fechamento de muitas indústrias, recessão econômica e desemprego em massa. Tal cenário atraiu a vinda de empresas transnacionais, que, por meio de reestruturações, obtiveram alta lucratividade e passaram a controlar o espaço industrial da nova Rússia e de outros países que herdaram porções significativas do parque industrial soviético, como a Ucrânia e o Cazaquistão.

Atualmente, a Rússia se destaca pela exportação de produtos primários, como o petróleo bruto e o gás natural, e de bens de produção, como aço e alumínio. Seu maior mercado consumidor é a União Europeia. Além disso, sua indústria bélica ainda se insere entre as mais importantes do mundo.

■ Vladimir Putin, presidente russo, participa da inauguração de um novo gasoduto em Vladivostok – Rússia, 2011. O gás natural é um dos principais produtos de exportação do país, sendo seu maior cliente a União Europeia.





## Índia

Apesar do grande número de habitantes, o rumo adotado não foi similar ao chinês: em vez de se tornar um "país fábrica", atraindo unidades produtivas transnacionais e orientando o desenvolvimento com base no setor secundário, a Índia tomou-se uma economia com importante desenvolvimento no setor de serviços. É marcada pela tendência de descentralização, formando mão de obra especializada e fazendo uso eficiente das novas tecnologias de comunicação.

No espaço industrial, ainda se destacam os setores mais tradicionais, como o têxtil e o siderúrgico. A aproximação com a URSS durante o período da Guerra Fria proporcionou a instalação de um sólido parque industrial de base.



Fonte: IBEE. *Textile Industry in India*. Disponível em: <<http://www.ibee.org/industry/textiles.aspx>>. Acesso em: 7 abr. 2015.

A partir dos anos 1990, o país também passou por um processo de abertura para investimentos internacionais, e outros setores foram dinamizados. Atualmente, sobressai-se pela exportação de alguns produtos de alta tecnologia, especialmente no setor da informática. Os investimentos estatais na formação de mão de obra qualificada acabaram por criar uma realidade contraditória na Índia, já que o país passou a sofrer um movimento de "fuga de cérebros", no qual os jovens que se destacam nas universidades indianas – especialmente no setor de tecnologia informacional – são atraídos para trabalhar em outros países. As três maiores concentrações industriais se situam no entorno das cidades de Mumbai, Calcutá e Bangalore.



Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*, 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 47. Adaptação

## África do Sul

Como na Índia, o processo de industrialização sul-africano ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, porém com a forte presença do capital internacional desde o princípio. As abundantes riquezas minerais do país serviram como atrativo, especialmente para investimentos britânicos (sua ex-metrópole) e estadunidenses.

A atividade industrial representa 21% do PIB sul-africano. Em 2014, o setor que teve o crescimento mais elevado foi o da construção civil. Os principais centros industriais se localizam nos entornos de Johannesburgo e da Cidade do Cabo. Os maiores destaques são as indústrias automobilística, química, alimentícia e de maquinário, e o principal mercado consumidor, além do interno, são os demais países, bem mais pobres, da África Subsaariana.



## Atividades

1. Por que razões as maiores concentrações industriais dos países ricos, como o *Manufacturing belt* nos EUA ou o Vale do Ruhr na Europa, têm sido preteridas em relação à instalação de unidades produtivas em países emergentes?

---

---

2. Os espaços industriais existentes em cada um dos países que compõem o grupo do BRICS apresentam um caráter homogêneo ou heterogêneo? Explique.

---

---